



**TURISMO**

# Você está preparado para visitar a Índia?

Quem conhece a terra dos marajás jamais verá o mundo da mesma forma

Textos de Xavier Bartaburu, da Revista 'Próxima Viagem'

O primeiro-ministro britânico Winston Churchill, entre um uísque e outro, gostava de dizer que a Índia era uma "expressão geográfica", e não um país. Bem, ele estava certo: a noção de país é pequena demais para explicar o inexplicável. Se você está pensando em fazer uma visita ao olho do furacão, prepare-se. A Índia começará atacando seus sentidos: sem pedir licença. Sensações inéditas e inexplicáveis invadirão olhos, ouvidos, nariz e boca. Depois, a cabeça: a Índia vai mexer com todos os seus conceitos sobre velho e novo, rico e pobre, ordem e caos. Você se verá totalmente perdido, confuso, desconcertado. Tem gente que vai para a Índia e nunca mais volta – e é fácil entender por quê. É bem provável que você retorne ao Brasil, mas tenha a certeza de que nunca mais verá o mundo da mesma forma. Não há vacina contra a Índia, mas saber de certas coisas pode ajudar a suavizar os ataques. Ou não. Na dúvida, vamos aos fatos.

Se você procura paz, a única que encontrará é a paz interior. No caso, o interior de si mesmo ou o dos hotéis. O lado de fora é o que o economista John Kenneth Galbraith, embaixador americano nos anos 1960, chamou de "anarquia funcional". Ou seja, um lugar absurdamente cheio de gente e de vacas, ruidoso e cujo trânsito não parece atender a nenhuma lógica conhecida. Mas que, milagrosamente, funciona. A ordem que rege tudo isso é um mistério que só os indianos ou os estudiosos da Teoria do Caos podem entender.

Afinal, como se organiza uma nação de 1,1 bilhão de habitantes (agregou o equivalente à metade da população brasileira só na última década) e que fala 16 idiomas oficiais? A China teve a mão de Mao e a do Partido Comunista. Mas a Índia, que felizmente não sofreu a praga dos governos totalitários, precisou encontrar os próprios mecanismos para chegar ao século 21. O que não é pouco, se lembrarmos que a civilização indiana existe há mais de 4 mil anos.

Um desses mecanismos são as filas, evidente legado de dois séculos de domínio inglês, ao lado do chá, da língua e do críquete (paixão nacional de lotar estádios). Há filas – indianas, é claro – para tomar ônibus, para sacar dinheiro, para entrar nos aeroportos, para visitar palácios... Enormes, todas. E você certamente não escapará delas, nem dos incansáveis vendedores de bu-

gigangas que se aproveitam da situação. As do célebre mausoléu Taj Mahal, em Agra, são assustadoras. Se puder, evite ir à tarde, a não ser que você tenha uma funesta atração por filas quilométricas.

Quando não estão enfileirados, os indianos parecem estar por toda parte. Tente andar a pé pelas ruas e você se verá invariavelmente engolido por uma voraginhosa multidão. É o mais estranho é que ninguém parece se incomodar. Como pode?

**As leis do destino**

Asit Kumar, morador de Nova Délhi que trabalha na área de turismo, explica:

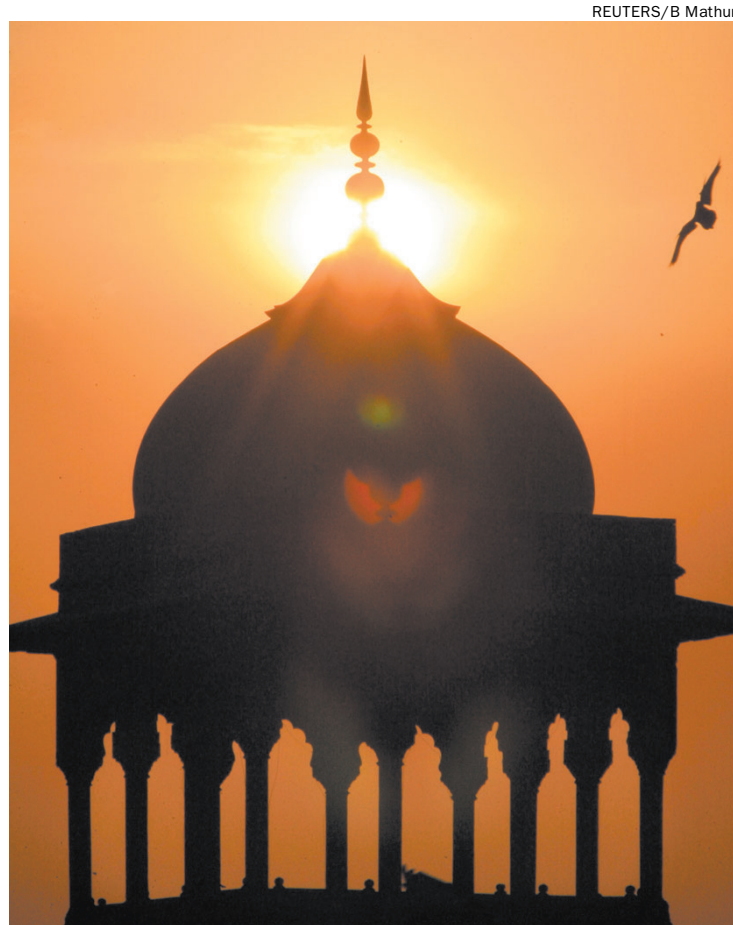
– O hinduísmo nos ensina a olhar para nós mesmos.

Os exercícios, ele conta, são praticados todas as manhãs, na hora da reza matinal (a puja), uma pausa de cinco minutos consigo mesmo. Disso, Asit extrai uma valiosa lição: – O silêncio é o melhor remédio – ele diz.

Acredite: o mais incrível é que, depois de uma semana inteira na Índia, a bagunça das ruas começa a se tornar um bocado mais tolerável. Isso, veja bem, não significa que você esteja alcançando a paz interior, mas é bem provável que você esteja se dando conta de que não há nada a fazer. A Índia é tão arrebatadora que não há saída senão adaptar-se a ela com estóica aceitação. E a resignação, já sabemos, é santo remédio contra o estresse.

As leis do destino fazem parte da vida dos indianos há milênios, ao menos desde que o sistema de castas foi inventado para dividir a sociedade em quatro grupos: os brâmanes (que representam os sacerdotes), os xátrias (a casta dos guerreiros), os vaixás (os comerciantes) e os sudras (os "intocáveis", relegados aos trabalhos mais baixos). A constituição indiana, hoje, proíbe a discriminação por castas, mas as diferenças ainda são visíveis, especialmente no interior do país, onde vivem cerca de 80% da população. Em certos casos, essas diferenças são até exaltadas.

Basta abrir o Sunday Times, um dos jornais mais lidos no país: são oito páginas diárias de anúncios matrimoniais, divididos por casta e religião. Quem os publica em geral são os pais, e não os noivos. Aliás, os *pombinhos* nem participam das negociações; seus pais é que se ocupam de encontrar alguém que combine em matéria de casta, religião, língua, classe econômica, horóscopo e até hábitos alimentares. No primeiro encontro, é claro, a família toda vai junto. Soa-lhe terrível? Pois saiba que o índice de divórcios na Índia é um dos mais baixos do planeta.



REUTERS/B Mathur

**ARQUITETURA** – Quatro mil anos de história ficam bem nas fotos

Divulgação



**FESTIVAL** – O grupo folclórico do Rajasthan dança em Nova Délhi

## Com os 'melhores motoristas do mundo', emoção garantida

Os indianos são os melhores motoristas do mundo. Caso você vá à Índia, nem ouse tentar dirigir um carro. Isto é coisa para profissionais – a não ser que você seja um especialista em desviar de vacas, dromedários, elefantes, cabras, porcos, cães, bicicletas, caminhões, motos e riquixás motorizados. E, é claro, de gente. De muita, muita gente. Semáforos e placas de trânsito até existem, mas eles não fazem diferença. A forma mais eficaz de comunicação entre veículos, pessoas e animais se faz por meio de buzina. E o que é mais impressionante: dá certo. Desde que, é claro, os cinco sentidos estejam

aguçados. No geral, todos se entendem, ninguém se machuca. É a tal da "anarquia funcional".

Você gosta de fortes emoções? Pois suba num phat-phat, um daqueles riquixás motorizados similares aos audazes tuk-tuks da Tailândia, e prepare-se para ver-se metido em frenéticos ziguezagues, mergulhado numa saraivada de buzinas e tomado por uma estranha sensação de que, finalmente, você vai acabar usando aquele seu seguro de viagem. Tenha a certeza, porém, de que esta é a maneira mais prática, rápida e barata de se ir de um lugar a outro numa cidade indiana. E garantia certa de aventura.

## Temperos, pimentas e cores com muita fartura

Na Índia, as vacas são mesmo sagradas. Só restaurantes e hotéis de luxo servem carne bovina. Já os vegetarianos conhecerão o paraíso. Outro detalhe: indianos gostam de pimenta mais do que você imagina. Quando for encarar um prato da culinária local, não se esqueça de perguntar o quanto de pimenta ele leva. É a pátria das especiarias. Por mais que você frequente restaurantes indianos em sua cidade, não há nada que se compare à abundância de temperos que encontrará na Índia. Bons lugares para sentir o poder desses voluptuosos temperos são os mercados. O de Khari Baoli, na velha Délhi, é o maior mercado de especiarias da Ásia, um labirinto de cores e aromas para perder-se e nunca mais se achar. Outro é o Crawford Market, em Bombaim (cidade que os indianos preferem chamar de Mumbai).

O certo é que você se apaixonará pela Índia. Ok, tem gente que vai até lá e volta sem levar saudade. É que a Índia não tem aquela beleza clichê, arrumadinha, publicitária. Tirando o Rio de Janeiro durante o Carnaval, dificilmente você encontrará um lugar com tantas cores diferentes por metro quadrado. Ainda mais se aparecer um grupo de mulheres indianas. Elas realmente parecem aproveitar todo o espectro de cores disponível, sem o mínimo pudor de sair às ruas vestidas de amarelo-canário ou de rosa-choque. Ficam bem na foto.

Você pode viver um sonho se tiver dinheiro para hospedar-se num dos muitos palácios transformados em hotéis de luxo. Eles estão espalhados por todo o país e costumam ser vistos como um oásis de paz no meio do caos, um lugar onde as buzinas não entram e onde turistas americanos podem comer hambúrgueres (de carne de vaca) à vontade. Para quem gosta de relaxar, é uma ótima pedida. Outra é ir meditar aos pés do Himalaia, em Rishikesh, capital mundial da ioga. Mas quem quiser conhecer a tal da "expressão geográfica" de Churchill terá que se expor aos ataques das buzinas, das multidões, das pimentas, dos vendedores... Terá que fazer o que faz 1,1 bilhão de pessoas: deixar-se engolir por um furacão de 4 mil anos e permitir que os sentidos e os conceitos sejam completamente transformados.

Mas não tenha medo: a Índia tem tudo para ser a viagem da sua vida.